

A cidade de Clúnia



As Ibérico CLOVNIOQ

A Clúnia Arévaca

Toda a informação que temos sobre a cidade celtibérica chegou através de fontes romanas. Durante as guerras Sertorianas, Pompeu sitia Clúnia, mas Sertório resiste. Aquando da sua morte (75 a.C.), Pompeu e os seus partidários ocupam várias cidades: Clúnia, Uxama, Termes, Valentia, Calagurris e Osca. Vinte anos mais tarde protagoniza o último episódio das guerras numantinas. Depois da queda de Numância, Clúnia surge como aliada dos váceos, que a tinham ajudado noutra fase. Metelo vence-os e cerca Clúnia, mas não consegue subjugar-la (56 a.C.). Um ano depois, Afrânio, legatário de Pompeu, subjuga os váceos, os arévacos e a cidade de Clúnia. Não conhecemos a localização exata da cidade dos arévacos mas há documentos sobre vários povoadamentos pré-romanos na área circundante.



Âs de Tibério acunhado em Clúnia



A Clúnia Romana

Sob Tibério (14-37 d.C.), Clúnia conta com o estatuto de município romano e cunham-se moedas com a sua efigie e com o nome dos magistrados da cidade. Sabemos que em meados do séc. I d.C. se torna capital de convento e passa a ser centro jurídico e religioso de um vasto território, com o qual se comunica através de importantes vias que passam pela cidade ou perto dela. Durante a revolta contra Nero, Galba refugia-se em Clúnia e levanta a Legio VII Gemina, esperando até ser proclamado emperador pelo Senado. É possível que a denominação Sulpícia tivesse sido concedida por Galba (Servio Sulpício). Pela Tabula Patronatus do Museu Arqueológico Nacional sabemos que no ano 40 d.C., Clúnia ainda não era uma colónia e que os cidadãos adotam um patrono. Pela Biblioteca Apostólica Vaticana (222 d.C.) sabemos que Clúnia continuava a ser capital de convento. Ptolomeu (séc. II d.C.) faz-lhe referência como colónia, por primeira vez, com o nome completo de COLONIA CLÚNIA SULPÍCIA. Clúnia subsistiu até finais do séc. VII, mas a sua importância decaiu na época visigoda, como parece demonstrar o seu desaparecimento das fontes literárias, a inexistência de casa da moeda e a instauração de uma sede episcopal em Uxama.



Brincos de ouro encontrados em Clúnia



Sítio Arqueológico de Clúnia

Horário:

Verão das 10:00 às 14:00 e das 16:00 às 20:00 horas
Inverno das 10:00 às 14:00 e das 15:00 às 17:00 horas
Fechado à segunda-feira

Acesso interdito meia hora antes de fechar

+info: www.cultura.burgos.es – www.clunia.es
Tel.: 947 391 250

Texto: F. Tuset e M. A. de la Iglesia.
Desenhos: M. A. de la Iglesia e Producciones Vídeo Carrera.

Depósito Legal: BU-129-2007



DIPUTACIÓN DE BURGOS
UNIDAD DE CULTURA,
EDUCACIÓN Y TURISMO

COLONIA CLVNIA SVLPICIA

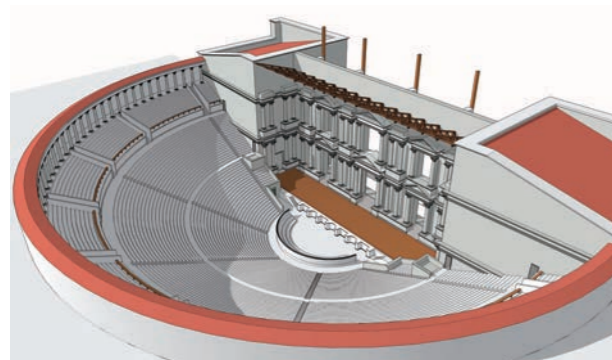


Sítio Arqueológico. Peñalba de Castro. Burgos



1. Teatro. Séc. I.

A cávea, que estava apoiada na colina mas também estava esculpida na rocha, era coroada por um pórtico superior que servia de acesso. Os espetadores contemplavam a scaenae frons composta por dois andares de colunas coríntias, entre as quais se encontravam várias esculturas e as portas por onde os atores entravam e saíam. Na parte superior encontrava-se um altifalante de madeira, inclinado, que projetava o som até às partes mais altas da cávea. Foi transformada durante o séc. II para ser utilizada como lugar de espetáculos de feras e de lutas.



Reconstrução do Teatro de Clúnia

2. Os Arcos II. Séc. I.

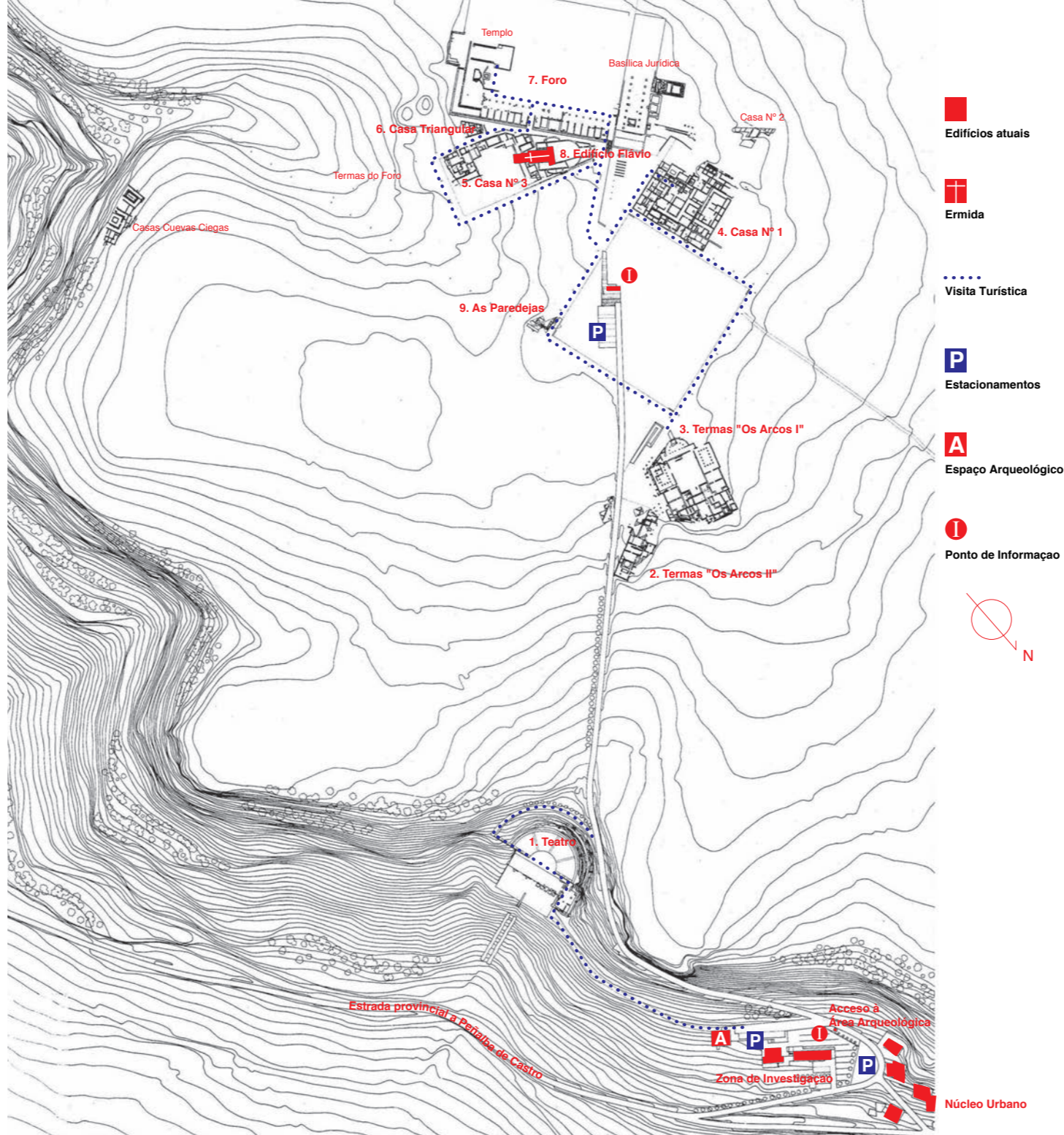
As escavações do edifício termal não foram integrais e portanto o plano não se conhece totalmente. A parte mais ampla do edifício está constituída pela palestra que dá acesso a uma série linear de compartimentos onde se realizariam diferentes tipos de banhos. Como nos Arcos I, o complexo mostra várias fases.

3. Termas Os Arcos I. Séc. I.

Edifício termal de esquema simétrico, com os domínios principais divididos a partir de um eixo longitudinal, deixando espaço exterior no centro onde era costume situar-se a piscina (natatio). O acesso principal, um pórtico semicircular com colunas, comunica com o exterior, rua ou praça, também com arcadas. O complexo mostra claramente diversas fases e reutilizações que se prolongaram até ao séc. V d.C.



Secção longitudinal das termas de Clúnia



4. Casa n.º 1. Séc. I ao IV.

Os limites E e N da casa não se conhecem exatamente. As escavações foram realizadas por Taracena e nunca foi corretamente investigada. Apresenta várias fases com diversas e importantes transformações. Tanto o conjunto de compartimentos subterrâneos de grandes dimensões, como o conjunto de mosaicos chamam a atenção.

5. Casa n.º 3. Séc. I ao V.

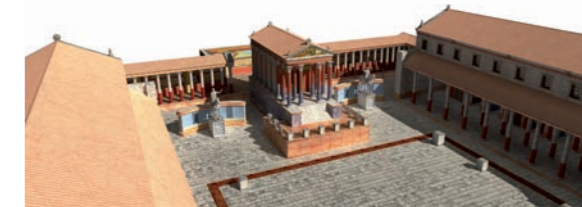
Não se conhece completamente porque não foram feitas escavações na parte NE. Numa época posterior, parte dos compartimentos foram eliminados pela construção do Edifício Flávio e pela Ermida. As paredes apresentavam pinturas e mosaicos.

6. Casa Triangular.

Situada entre o decumanis da casa nº 3 e o do Foro. Apresenta mosaico a preto e branco.

7. Foro. Séc. I.

Praça pública de grandes dimensões projetada não apenas para o município mas, também, para que os cidadãos de todo o convento jurídico se pudessem reunir em ocasiões especiais. Aqui desenvolviam-se as atividades que marcavam a vida do cidadão romano. Na cabeceira do Foro, presidida pelo Templo de Júpiter desempenhavam-se as funções religiosas. Na área central, as funções comerciais eram desenvolvidas numa praça com arcadas, com pequenos espaços denominados tabernas e com sítios para a venda ambulante. As funções jurídicas eram tratadas na base do Foro, na Basílica, um espaço coberto no qual se resolviam os litígios e os contratos e onde também se guardavam as leis e os registos. Como convento jurídico, a Basílica recebia uma vez por ano o Governador da Província (Hispania Citerior) e celebrava julgamentos relativos a todo o convento.



Cabeceira do foro de Clúnia

8. Edifício Flávio. Finais do séc. I.

Não se conhece exatamente a função que desempenhava este edifício. Apresenta um plano peculiar onde pode ser identificado o caminho de acesso através de um pórtico de quatro colunas. O edifício é retangular e termina em semicírculo no lado N, com dois espaços situados simetricamente à volta do peristilo.

9. As Paredejas.

Edifício onde foram realizadas algumas escavações, do qual se conserva, até uma altura considerável, cofragem de argamassa e seixos.